

VERA LÚCIA MENDES PEREIRA

Funcionamento e Resiliência da Família no Contexto da Pandemia COVID-19

Estudo com Famílias em diferentes
circunstâncias socioeconómicas.



ESCOLA SUPERIOR DE ALTOS ESTUDOS

**Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica
Área de Especialização em Terapias Familiares
e Sistémicas**

COIMBRA, 2021



Funcionamento e Resiliência da Família no Contexto da Pandemia COVID-19

Estudo com famílias em diferentes circunstâncias socioeconómicas

VERA LÚCIA MENDES PEREIRA

Dissertação Apresentada ao ISMT para Obtenção do Grau de Mestre em Psicologia Clínica

Orientadora: Professora Doutora Joana Sequeira, Professora Auxiliar, ISMT

Coimbra, outubro de 2021

Resumo

Objetivo: Analisar a percepção do funcionamento e da resiliência familiar durante o período da pandemia COVID-19 em sujeitos de famílias com condições socioeconómicas distintas.

Metodologia: Participaram um total de 1182 sujeitos pertencentes a famílias a viver em Portugal durante a pandemia COVID-19. O protocolo integra a *Escala de Avaliação da Adaptabilidade e Coesão Familiar (FACES IV)*, o *Walsh Family Resilience Questionnaire (WFRQ)* e o questionário sociodemográfico e de dados complementares referentes à situação COVID-19.

Resultados: Os participantes, na generalidade, percebem as suas famílias como funcionais, coesas e flexíveis, com uma boa comunicação, mas com baixa satisfação. A percepção do funcionamento familiar é distinta consoante o rendimento mensal dos participantes. Os que têm rendimentos mais baixos – entre até 500 e 1000 euros mensais – apresentam uma percepção de coesão, e flexibilidade mais baixas e menor satisfação com a família. Relativamente à percepção da resiliência familiar, os inquiridos percebem elevada resiliência em todas as dimensões e, em particular, na dimensão sistema de crenças. No entanto, esta percepção varia em função dos rendimentos, sendo que à medida que os rendimentos aumentam a percepção de resiliência também é mais elevada, em todas as dimensões. O nível de preocupação face à situação COVID -19 é mais alto nas dimensões escolar/profissional, financeira, familiar, social e saúde, nos sujeitos pertencentes a famílias rendimentos mais baixos, em comparação com os sujeitos com rendimentos familiares mais elevados.

Conclusão: Sujeitos pertencentes a famílias com rendimentos financeiros baixos têm uma percepção de funcionamento familiar menos coeso, flexível e estão menos satisfeitas e percebem-se como menos resilientes, em comparação com sujeitos pertencentes a famílias com rendimentos mais elevados.

Palavras-chaves: COVID-19; Funcionamento Familiar; Resiliência Familiar, Rendimentos económicos.

Abstract

Objective: To analyze the perception of the family functioning and resilience during the period of the COVID-19 pandemic in subjects from families with distinct socio-economic conditions.

Methodology: A total of 1182 subjects living in Portugal, during the COVID-19 pandemic, participated in this study. The protocol integrates the Family Adaptability and Cohesion Evaluation Scale (FACES IV), the Walsh Family Resilience Questionnaire (WFRQ), and the sociodemographic and complementary data questionnaire regarding the COVID-19 situation.

Results: The participants, in general, perceive their families as functional, cohesive, and flexible, with good communication, but with low satisfaction. The perception of family functioning differs according to the income of the participants. Those with lower incomes - between 500 and 1000 euros per month - have a lower perception of cohesion and flexibility and they are also less satisfied with the family. Regarding the perception of family resilience, respondents report high resilience in all dimensions and, in particular, in the belief systems dimension. However, this perception varies according to income and, as income increases, the perception of resilience is also higher in all dimensions. The level of concern about the COVID -19 situation is higher in the school/professional, financial, family, social, and health dimensions, in subjects belonging to families with lower incomes (500 and 1000 euros per month), compared to subjects with higher family incomes.

Conclusion: subjects from families with low financial incomes perceive family functioning as less cohesive, flexible, they are less satisfied and perceive less family resilience.

Keywords: COVID-19; Family Functioning; Family Resilience, Economic Income.

Índice	
Introdução	1
Metodologia.....	6
Objetivos	6
Tipo de estudo	7
Participantes	7
Procedimentos	12
Instrumentos	12
Análise estatística.....	14
Resultados	14
Percepção do Funcionamento Familiar	14
Percepção de Resiliência Familiar (WFRQ),	18
Preocupação face à Situação COVID.....	20
Discussão dos resultados	22
Conclusão	26
Referências Bibliográficas	27

Introdução

O ano de 2020 ficará marcado pelo aparecimento de uma pandemia originada por uma infeção designada COVID-19. A COVID-19 é uma doença infecciosa provocada pelo vírus SARS-CoV-2 que faz parte do grupo de vírus Coronavírus (Direção Geral de Saúde, 2021). Trata-se de uma infeção respiratória aguda grave de elevado nível de transmissão (Shereen et al., 2020). No ano de 2002 foi identificado este vírus com o nome de SARS-CoV com consequências graves ao nível respiratório. A COVID-19 é transmitida principalmente através de gotículas de saliva ou secreção nasal pela pessoa infetada, seja por tosse ou por espirros. A doença atingiu todos os países do mundo e provocou casos e mortes numa proporção nunca antes vista (World Health Organization, 2020).

Em Portugal, registaram-se os primeiros casos positivos a 2 de março de 2020 (DGS, 2020), sendo decretado estado de emergência a 19 de março do mesmo ano, com obrigatoriedade de isolamento para indivíduos positivos, pessoas vulneráveis e às restantes implementaram-se restrições de movimentação na via pública, apenas para tarefas de cariz essencial como consultas médicas, idas a serviços essenciais, como por exemplo supermercado e trabalho, caso não fosse possível adotar o regime de teletrabalho (República Portuguesa, 2020).

Com a imposição de confinamento tanto em Portugal como no resto do mundo, as famílias enfrentaram crises inesperadas e complexas. Para além do potencial risco de infeção, passaram a estar mais em casa e a viver algo nunca antes vivido, enfrentando várias alterações nas suas rotinas ao nível profissional, social, económico, bem como nas relações familiares. Revelou-se na dimensão profissional e familiar uma diminuição da satisfação geral dos indivíduos (Möhring et al., 2020).

Este trabalho pretende estudar o funcionamento e resiliência familiar no contexto da pandemia COVID -19 das famílias em diferentes circunstâncias socioeconómicas.

A pandemia COVID-19 é uma crise accidental, pois apareceu de forma inesperada obrigando a todos a uma readaptação brusca no seu quotidiano. Segundo Alarcão (2002) a crise accidental é descrita pela ocorrência de um dado acontecimento imprevisível que pode afetar drasticamente a família. As crises accidentais são, por exemplo, as situações pessoais como doenças crónicas/prolongadas (Alarcão, 2002) ou situações fora da família que a afetam diretamente, como são as catástrofes naturais, acidentes, guerras, ataques terroristas entre outros (Sá, 2008).

Esta crise envolve vivências de perda de familiares e amigos, interrupção de eventos de vida relevantes, desafios stressantes, perdas, lutos e tristeza acentuados devido a estes acontecimentos e incerteza face ao futuro (Walsh, 2020). Segundo Brown et al. (2020), relativamente ao impacto da COVID-19 nas famílias, a situação pandémica gerou fatores stress adicionais nos pais. Relevaram alterações de humor, sintomas de ansiedade, depressão e alterações de sono. Estes sintomas foram acentuados pela sobrecarga da parentalidade associada ao distanciamento social, encerramento de escolas e estruturas de acolhimento dos seus filhos (Calvano et al., 2021).

O funcionamento familiar pode ser explicado através do Modelo Circumplexo dos sistemas conjugais e familiares (Olson, 2000). O modelo integra duas dimensões fundamentais a coesão e a flexibilidade e a comunicação como dimensão facilitadora das dimensões anteriores. A coesão refere-se à ligação emocional que os membros têm entre si, carinho, apoio ou ajuda (Olson, et al., 1983). É considerando a coesão que a família tende a ser mais separada ou unida. A flexibilidade refere-se à liderança, relações, papéis e regras no relacionamento entre as pessoas e está ligada à reorganização familiar, dando resposta aos fatores stressores (Gouveia-Pereira et al., 2020; Olson & Gorall, 2003; Sequeira et al., 2021). Assim, a flexibilidade refere-se às mudanças que vão ocorrendo na família, liderança, papéis ou regras, o que resulta na resposta entre a estabilidade e mudança. A comunicação é a ferramenta facilitadora das dimensões antes referidas e implica competências de escuta, diálogo, autorrevelação, clareza, respeito e consideração (Olson, 2000; Sequeira et al., 2021; Silva, 2015).

As experiências provocadas pela pandemia COVID-19 afetaram o funcionamento familiar de forma impactante com aumento de exigências e implementação de mudanças para a adaptação ao contexto de crise (Rudolph & Zacher, 2021). Relatos de adolescentes na situação COVID- 19 revelam uma diminuição na comunicação, na qualidade das relações bem como na satisfação familiar, no entanto os pais não relatam as mesmas alterações no funcionamento familiar (Hussong et al., 2020).

Também Lopes (2020) concluiu, no estudo com adolescentes sobre a sua perspetiva sobre o funcionamento familiar em tempos de COVID-19, que, quanto maior preocupação sobre a pandemia, maior o emaranhamento na família. Os rapazes demonstraram maior perceção de desmembramento do que as raparigas e também níveis mais baixos de coesão, flexibilidade equilibrada e comunicação.

Quanto aos pais os estudos apontam resultados diversos e até opostos. Para os que têm filhos em idade escolar, segundo Neubauer et al. (2020), a parentalidade foi direcionada ao apoio para a autonomia dos filhos e observou-se maior percepção de coesão familiar em tempos de COVID-19. Quanto maior *stress* provocado pela COVID-19, maior discórdia e rigidez no sistema parental e familiar, o que traz maior sofrimento tanto para os pais como para os filhos. Este *stressor* também está ligado a uma maior probabilidade de violência no exercício da parentalidade (Daks et al.,2020). No entanto, segundo um estudo de Rudolph e Zacher (2021), embora tenha existido um aumento das exigências familiares face às mudanças ocorridas, existiu um aumento de satisfação familiar, da parte dos pais, resultante do maior tempo passado em família.

Num estudo de Eales et al. (2021), durante a vivência pandémica, mais propriamente no período de isolamento social, as famílias referem ter experienciado tempo de qualidade. O isolamento ajudou algumas famílias nas suas relações, contribuindo para uma aproximação dos elementos, mas, para outras famílias, a vivência foi oposta. Foram mencionados como fatores de *stress* o teletrabalho/estudo, restrições sociais e preocupação com a saúde dos membros familiares mais vulneráveis.

As consequências da pandemia nas famílias, associadas aos inúmeros fatores contextuais cambiantes, são também muito relevantes e tiveram impacto mundial, principalmente, na área da saúde e economia. Sendo a economia um fator chave para toda funcionalidade de vários setores, também afeta diretamente as famílias, quer nos seus empregos como também na sua gestão doméstica. Se uma família com rendimentos estáveis – altos e médios - sentiu *stress* e incerteza, as famílias com rendimentos baixos sentiram muito mais dificuldades económicas e estas têm reflexos no funcionamento familiar. Segundo Peltz et al.(2020) pais que demonstraram maior stress a nível financeiro relataram maior conflito na coparentalidade que, por consequência, se refletiu numa menor coesão familiar. Num estudo feito por Zhuang et al. (2021), o *stress* financeiro foi o maior fator de angústia psicológica provocada pela COVID-19, sendo que esta angústia era diminuída através de atividades de lazer ou apoio comunitário. Este *stress* financeiro não é só vivido apenas pelos pais ma sim por todos os elementos da família, levando a que estes possam desenvolver problemas psicológicos, físicos e sociais (Santiago et al., 2011).

De acordo com PORDATA (2021) em 2019 o salário médio mensal em trabalhadores por conta de outrem é em média 1005,1€, sendo que existe diferenças entre

sexo, os homens ganhando cerca de 1073,8€ enquanto as mulheres 922,6€. Para além disto, salienta-se que em 2019 o limiar de risco de pobreza era de 6480€, por ano, ou seja, indivíduos que ganhassem abaixo deste valor por ano eram considerados pobres. Um estudo de Silva em 2015 evidenciou que as famílias com rendimentos acima dos 750€ percecionavam-se como sendo mais coesas, flexíveis e o seu grau de satisfação era maior, comparativamente com famílias com rendimento abaixo dos 750€. Este resultado vai ao encontro de um estudo feito por Cerveira (2015) relevando que famílias com rendimentos acima dos 600€ percecionam-se como sendo mais flexíveis e satisfeitas. Segundo Mansfield et al. (2013), as famílias com baixos rendimentos demonstraram um baixo nível de satisfação com o seu funcionamento familiar em geral, revelando também uma baixa capacidade de resposta afetiva, ou seja, menos satisfação com a sua capacidade de experienciar e responder a uma vasta gama de *stressores* de forma satisfatória para todos os elementos.

O estudo de Banovcinova et al. (2014), para além de revelar que existe uma relação direta entre insatisfação com o funcionamento familiar e o estatuto socioeconómico, a comunicação, o controle comportamental e o papel parental foram as dimensões onde se relevou maior disfuncionalidade nas famílias com rendimentos mais baixos. Relativamente à perspetiva sobre o funcionamento da família, os homens consideram o estatuto socioeconómico mais importante do que as mulheres, mas ambos consideram que o rendimento é mais relevante na perceção de funcionalidade familiar do que as habilitações literárias (Tiffin et al., 2007). Ward e Lee (2020), apontam as dificuldades financeiras como potenciadoras de *stress* parental o que pode ter implicações na relação com os filhos, causando uma menor satisfação individual (Drobnič et al., 2010) e familiar (Conger et al., 2010; Kronirch & Eger, 2014). Segundo Cunha e Relvas (2015), as crises económicas perturbam a qualidade de vida dos indivíduos embora estes demonstrem ser resilientes. As dificuldades são mais evidentes no subsistema conjugal, o que tem grande impacto no ajustamento dos outros subsistemas, em particular, o parental (idem).

A situação pandémica e os desafios e adaptações que exige testam e promovem a capacidade de adaptação e resiliência dos indivíduos e também das famílias. A resiliência é a capacidade de enfrentar e recuperar perante as adversidades (Walsh, 1996). Segundo Walsh (2003) existem processos chave que ajudam a que a resiliência seja desenvolvida. São três dimensões designadas “processos chave”: sistema de crenças da família, padrões

de organização familiares e comunicação e estratégias de resolução de problemas. O sistema de crenças da família influencia a forma como esta encara a crise pela qual está a passar, implica a criação de significados sobre a adversidade, desenvolvendo uma perspetiva positiva e tendo sentido de transcendência e espiritualidade. Os padrões de organização familiares estão ligados à flexibilidade, união, recursos sociais e económicos. A comunicação e estratégias de resolução de problemas refere-se à informação partilhada, sua clareza, expressão emocional aberta e estratégias de resolução de problemas colaborativas.

Um exemplo comparativo sobre a resiliência familiar e a forma como enfrentam a crise são as catástrofes naturais. De acordo com Hackbarth et al. (2011), o confronto das famílias face ao furacão Katrina revelou que quanto maior é a esperança, espiritualidade familiar maior é a resiliência das famílias no enfrentamento da crise.

Vários fatores podem estar envolvidos no desenvolvimento da resiliência familiar neste contexto atual, tal como são, por exemplo, o estatuto socioeconómico ou situação de saúde, seja ela física ou psicológica dos elementos da família. Estes fatores podem constituir vulnerabilidades ou forças e afetam a forma como as famílias enfrentam a crise. Se existirem condições internas e contextuais de bem-estar a probabilidade de ajustamento resiliente é maior (Prime et al., 2020).

De acordo com Black e Lobo (2008), as famílias resilientes têm uma interação ativa entre os elementos, onde existe proteção, otimismo, espiritualidade, flexibilidade, comunicação, gestão financeira e estes adaptam as suas rotinas e rituais face à crise, solicitando apoio social. Estas capacidades promovem a proteção e também prevenção face aos fatores de risco incentivando assim a harmonia e equilíbrio da família. Theiss (2018) considera que a comunicação está profundamente ligada à resiliência. Através da comunicação é possível criar uma visão comum face às crises, assumindo responsabilidade coletiva. Segundo um estudo de Prime et al. (2020), as relações nos subsistemas parental, conjugal e fraternal podem estar em risco devido ao impacto que os stressores ao nível social, financeiro e de saúde irão ter na forma como os elementos se relacionam entre si e enfrentam a crise.

O impacto da COVID-19 aumentou os riscos ao nível da saúde mental dos indivíduos. As medidas sanitárias adotadas, as alterações nas rotinas e dinâmicas habituais da família e os constrangimentos financeiros e/ou laborais que algumas pessoas

vivenciaram constituem fatores de risco adicionais para a saúde mental (Amsalem et al., 2020). Para além do contacto constante com informação que pode ser excessiva, o sentimento de ameaça, as medidas para evitar a infeção, bem como a doença e perda de pessoas têm impacto direto nas famílias. Como impacto indireto e também desafiante, surge a convivência constante em família, devido à obrigatoriedade de confinamento geral (Lebow, 2020).

São identificadas várias dimensões de vida das famílias que sofreram impactos, por consequência da pandemia por COVID-19, entre elas a situação económica mais debilitada, a adaptação ao teletrabalho, redução de horário laboral e o aumento de desemprego. Estes fatores são fontes de stress que os indivíduos enfrentam, mas que afetam as famílias onde se inserem. De realçar que as famílias de baixo estatuto económico passam a estar mais vulneráveis nesta crise. Se em tempos anteriores já passavam dificuldades, na situação pandémica, com o aumento do desemprego, ameaça de perda de emprego, *layoff*, redução de salários, eventual fecho de empresas e a incerteza da recuperação económica, assumem ainda maior intensidade (Walsh, 2020). Num estudo feito por Dirzytê et al. (2017), famílias com baixos estatuto socioeconómico apresentavam índices mais baixos de resiliência. Mostraram maiores dificuldades em fazer face aos problemas, gerir reações na vulnerabilidade, *stress*, procrastinação para a resolução e a crença de que “a vida e o tempo” irão resolver o problema.

Conclui-se que a crise imposta pela COVID-19 tem impacto na dinâmica das famílias, exigindo adaptações no seu funcionamento e estratégias de resiliência, em várias dimensões, e que as famílias mais vulneráveis do ponto de vista socioeconómico são ainda mais desafiadas na sua adaptação e mostram maiores dificuldades no ajustamento às crises.

Este estudo faz parte de uma investigação alargada sobre o funcionamento e resiliência familiar no contexto da pandemia COVID-19, que decorreu entre 16 de março e 25 de outubro de 2020, sendo que presente estudo tem como objetivo analisar a perceção do funcionamento e resiliência da família, mas com foco nos rendimentos económicos das famílias.

Metodologia

Objetivos

Os objetivos específicos deste estudo são os seguintes:

- 1) Analisar a percepção do funcionamento familiar (coesão, adaptabilidade, satisfação e comunicação) em função dos diferentes rendimentos económicos das famílias, mais precisamente sobre aquelas que estão em vulnerabilidade socioeconómica.
- 2) Analisar a percepção da resiliência familiar (sistema de crenças, padrões de organização e comunicação e resolução de problemas) consoante os diferentes rendimentos económicos das famílias, mais precisamente sobre aquelas que estão em vulnerabilidade socioeconómica.
- 3) Analisar o grau de preocupação face à situação pandémica de acordo com os rendimentos económicos dos participantes, nomeadamente situação escolar/profissional, financeira, familiar, social e de saúde.

Tipo de estudo

Trata-se de um estudo transversal e quantitativo (Bordalo, 2008) que tem como variáveis independentes características sociodemográficas dos participantes, com ênfase no rendimento médio do agregado familiar e como variáveis dependentes o funcionamento (FACES IV) e resiliência familiar (WFRQ) e o grau de preocupação face à COVID-19.

Participantes

De acordo com a Tabela 1 participaram neste estudo 1182 sujeitos, 364 do sexo masculino (30,8%) e 818 do sexo feminino (69,2%). Cento e cinquenta e um participantes têm até 18 anos (12,8%), 520 entre os 19 e os 30 anos (44%), 150 sujeitos entre os 31 e 40 anos (12,7%), 190 entre 41 e 50 anos (16,1%), 102 entre 51 e 60 anos (8,6%), 39 entre os 61 e 70 anos (3,3%) e participaram 30 sujeitos com mais de 70 anos (2,5%). Relativamente à escolaridade 490 têm o ensino secundário (41,5%) e 361 são licenciados (30,5%). Dos 1182 participantes, 566 residem em cidades (47,9%), 345 vivem em aldeias (29,2%) e 271 em vilas (22,9%).

No que se refere à situação profissional, 477 sujeitos são trabalhadores por conta de outrem (40,4%), 427 são estudantes (36,1%), 90 são trabalhadores por conta própria (7,6%), 59 são trabalhadores-estudantes (5,0%), 54 estão desempregados sem subsídio (4,6%), 22 desempregados com subsídio (1,9) e 53 reformados (4,5%). No que concerne aos rendimentos 508 participantes têm rendimentos entre 1000€ e 2000€ (43,0%), 249 entre 500€ e 1000€ (21,1%), 242 entre 2000€ e 3000€ (20,5%), 131 mais de 3000€ (11,1%) e 51 até 500€ (4,3%).

Tabela 1
Caracterização Sociodemográfica dos Participantes

	Total (N = 1182)			
	<i>n</i>	<i>%</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>
Sexo				
Masculino	364	30,8	-	-
Feminino	818	69,2	-	-
Idade				
<18	151	12,8		
19-30	520	44,0		
31-40	150	12,7	32,80	1,461
41-50	190	16,1		
51-60	102	8,6		
61-70	39	3,3		
>70	30	2,5		
Habilitações				
Sabe ler e escrever	5	0,4	-	-
1º Ciclo de Ensino Básico	20	1,7	-	-
2º Ciclo do Ensino Básico	37	3,1	-	-
3º Ciclo do Ensino Básico	149	12,6	-	-
Ensino Secundário	490	41,5	-	-
Licenciatura	361	30,5	-	-
Mestrado	104	8,8	-	-
Doutoramento	16	1,4	-	-
Meio de Residência				
Cidade	566	47,9	-	-
Vila	271	22,9	-	-
Aldeia	345	29,2	-	-
Situação Profissional				
Trabalhador(a) por conta de outrem	477	40,4	-	-
Trabalhador(a) por conta própria	90	7,6	-	-
Estudante	427	36,1	-	-
Trabalhador(a)-Estudante	59	5,0	-	-
Desempregado(a) com subsídio de desemprego	22	1,9	-	-
Desempregado(a) sem subsídio de desemprego	54	4,6	-	-
Reformado(a)	53	4,5	-	-
Teletrabalho/ aulas online				
Sim, totalmente	103	8,7	-	-
Sim, parcialmente	314	26,6	-	-
Não	765	64,7	-	-
Rendimentos				
Até 500€	51	4,3	-	-
Entre 500€ e 1000€	249	21,1	-	-
Entre 1000€ e 2000€	508	43,0	-	-
Entre 2000€ e 3000€	242	20,5	-	-
Mais de 3000€	131	11,1	-	-

Nota. N = número total de participantes; n = frequência de casos; % - percentagem de participantes M = Média; DP = Desvio Padrão.

Na Tabela 2 está descrita a situação familiar dos participantes. Quinhentos e oitenta e nove participantes fazem parte de famílias nucleares intactas (49,8%), 153 de um casal sem filhos (12,9%) e 151 vivem em famílias monoparentais (12,8%). Sobre a etapa do

ciclo vital, 620 famílias estão na etapa família com filhos adultos (52,5%), 161 na etapa família com filhos adolescentes (13,6%) e 101 estão da na etapa de formação do casal (8,5%).

Tabela 2

Caracterização Familiar dos Participantes

	Total (N = 1182)	
	<i>n</i>	%
Tipologia familiar		
Casal sem filhos	153	12,9
Família nuclear intacta	589	49,8
Família nuclear alargada	131	11,1
Família monoparental	151	12,8
Família reconstituída	79	6,7
Agregado Unipessoal	79	6,7
Total (N = 1096)		
Etapa do ciclo vital		
Formação do casal	101	8,5
Família com filhos pequenos	51	4,3
Família com filhos na escola	111	9,4
Família com filhos adolescentes	161	13,6
Família com filhos adultos	620	52,5

Nota. N = número total de participantes; n=frequência; % = percentagem de participantes M = Média; DP = Desvio Padrão.

Na Tabela 3 encontram-se as informações relativas à situação pandémica dos participantes. Relativamente ao grau de risco do concelho onde os participantes residem, 463 participantes residiam em concelhos de risco elevado (39,2%), 349 risco muito elevado (29,5%) e 206 sujeitos risco moderado (17,4%). Relativamente à infeção por COVID-19 apenas 214 (18,1%) participantes referem que o próprio ou familiares foram infetados com o vírus. Sobre o grau de preocupação familiar face à COVID-19, 547 (46,3%) participantes estão preocupados, 246 (20,8%) muito preocupados, 203 (17,2%), pouco preocupados, 99 (8,4%) muitíssimo preocupados e 87 (7,4%) nada preocupados.

Tabela 3
Situação COVID

	Total (N=1182)	
	<i>n</i>	%
Grau de risco do concelho de residência		
Risco moderado	206	17,4
Risco elevado	463	39,2
Risco muito elevado	349	29,5
Risco extremamente elevado	67	5,7
Desconheço	97	8,2
Infeção por COVID		
Ninguém	995	84,3
Eu	22	1,9
Familiares	141	12
Eu e familiares	23	1,9
Grau de preocupação familiar face à COVID		
Nada preocupado(a)	14	1,2
Pouco preocupado(a)	101	8,5
Preocupado(a)	451	38,2
Muito preocupado(a)	451	38,2
Muitíssimo preocupado(a)	165	14
Solicitação de apoios		
Pagamento de contas	19	1,6
Ajuda material	22	1,9
Grau de preocupação face à situação financeira		
Nada preocupado(a)	92	7,8
Pouco preocupado(a)	310	26,2
Preocupado(a)	452	37,6
Muito preocupado(a)	225	19,0
Muitíssimo preocupado(a)	110	9,3

Nota. N = número total de participantes; n = frequência; % = percentagem de participantes M = Média; DP = Desvio Padrão.

Foram 19 (1,6%) os sujeitos que, durante a situação pandémica, necessitaram de pedir apoio no pagamento de contas, 22 (1,9%) que recorreram a ajuda material, como por exemplo bens alimentares, dinheiro, entre outros.

Noventa e dois (7,8%) participantes referiram não estar nada preocupados com a sua situação financeira, 310 (26,2%) pouco preocupados, 452 (37,6) preocupados, 225 (19,0%) muito preocupado(a) e 110 (9,3%) muitíssimo preocupados.

De acordo com a Tabela 4, 51 pessoas têm rendimentos até 500€. Destes 51, 20 (39,2%) vivem sozinhos, 9 (17,6%) são um casal sem filhos, 11 (21,6%) vivem numa

família nuclear intacta, 9 numa família monoparental (17,6%) e 2 (4%) numa família reconstituída.

Duzentas e quarenta e nove pessoas têm rendimentos entre os 500€ e os 1000€. Destas, 33 vivem sozinhos (13,3%) 34 (13,7%) vivem em casal sem filhos, 89 (35,7%) numa família nuclear intacta, 28 (11,2%) numa família nuclear alargada, 57(22,9%) numa família monoparental e 8 (3,2%) numa família reconstituída.

Quinhentos e oito participantes têm rendimentos entre os 1000€ e os 2000€, 20 (3,9%) vivem sozinhos, 67(13,2%) vivem em casal sem filhos, 273(53,7%) numa família nuclear intacta, 51(10%) numa família nuclear alargada, 61(12%) numa família monoparental e 36 (7,1%) numa família reconstituída.

Duzentos e quarenta e dois participantes têm rendimentos entre os 2000€ e os 3000€ e 5 (2%) vivem sozinhos, 31 (12,8%) em casais sem filhos, 145 (59,9%) em famílias nucleares intactas, 27 (11,2%) em famílias nucleares alargadas, 13 (5,4%) em famílias monoparentais e 21 (8,7%) a famílias reconstituídas.

Por último 131 participantes têm rendimentos de mais de 3000€, 1 (1%) vive sozinho, 12 (9%) são casais sem filhos, 71 (54,2%) em famílias nucleares intactas, 25 (19%) em famílias nucleares alargadas, 10 (7,6%) em famílias monoparentais e 12 (9,2%) em famílias reconstituídas.

Tipologia Familiar	Rendimentos									
	Até 500€		Entre 500€ e 1000€		Entre 1000€ e 2000€		Entre 2000€ e 3000€		Mais de 3000€	
	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%
	<i>(n =51)</i>		<i>(n =249)</i>		<i>(n =508)</i>		<i>(n = 242)</i>		<i>(n =131)</i>	
Agregado unipessoal	20	39,2	33	13,3	20	3,9	5	2	1	1
Casal sem filhos	9	17,6	34	13,7	67	13,2	31	12,8	12	9
Familiar nuclear intacta	11	21,6	89	35,7	273	53,7	145	59,9	71	54,2
Família nuclear alargada	0	0,0	28	11,2	51	10	27	11,2	25	19
Família monoparental	9	17,6	57	22,9	61	12	13	5,4	10	7,6
Família reconstituída	2	4	8	3,2	36	7,1	21	8,7	12	9,2

Tabela 4

Caracterização da Tipologia Familiar dos Participantes de Acordo com os Seus Rendimentos (N = 1182)

Nota. n = frequência de casos; % = percentagem de participantes.

Procedimentos

A recolha dos dados iniciou-se no curso do 1º confinamento de 16 de março de 2020 até maio de 2021. Sendo que grande parte dos dados deste estudo são referentes à primeira recolha que foi feita para o estudo alargado “Funcionamento e Resiliência Familiar no Contexto da Pandemia COVID-19”.

Os dados foram recolhidos através plataforma *online Googledocs* sendo partilhado o estudo nas redes sociais. Assim que os participantes acessem ao *link* tinham informação sobre o estudo, os seus objetivos e ao consentimento informado. Também foram aplicados questionários em papel a pessoas que não têm facilidade de acesso aos meios digitais. Foi solicitada a colaboração de algumas associações - Legião da Boa Vontade e CASA (Centro de Apoio ao Sem Abrigo) - pedindo autorização para a aplicação dos protocolos aos utentes das mesmas.

Instrumentos

O protocolo de investigação é composto por 3 instrumentos, o questionário sociodemográfico e de dados complementares a Escala de Avaliação da Adaptabilidade e Coesão Familiar (FACES IV) e a *Walsh Family Resilience Questionnaire (WFRQ)*.

Questionário sociodemográfico e dados complementares referentes à situação COVID 19 - constituído por questões sobre os indivíduos, suas famílias e situação face ao COVID.

Escala de Avaliação da Adaptabilidade e Coesão Familiar (FACES IV) - Esta escala é baseada no Modelo Circumplexo (Osion, 2011). A validação para a população portuguesa foi desenvolvida por Sequeira e Colaboradores em 2015 (Sequeira et al., 2021). Trata-se de uma escala de autorresposta que visa avaliar o funcionamento familiar, devendo ser respondida por todos os elementos da família com idade superior a 12 anos. Esta escala é composta por 62 itens dividindo-se em 8 subescalas com 7 itens em cada uma das seguintes escalas: Coesão Equilibrada (1,7,13,19,25,31,37), Flexibilidade Equilibrada (2,8,14,20,26,32,38), Emaranhada (4,10,16,22,28,34,40), Desmembrada (3,9,15,21,27,33,39), Rígida (5,11,17,23,29,35,41), Caótica (6,12,18,24,30,36,42). As

subescalas da Comunicação (43 até 52) e Satisfação (53 até 62) tem 10 itens cada (Sequeira et al., 2021). Resultados altos nas subescalas equilibradas e baixos nas subescalas desequilibradas estão associados a um funcionamento familiar saudável. Resultados baixos nas subescalas equilibradas e altos nas subescalas desequilibradas estão associadas a um funcionamento familiar problemático (Oslon,2011).

Na Tabela 5 são apresentados os valores de alfa de Cronbach relativos ao presente estudo bem como da validação da FACES IV original (Oslon, 2011) e na validação para a população portuguesa (Sequeira et al., 2021)

Tabela 5
Alfa de Cronbach - FACES IV

Subescalas	Alfa de Cronbach	Alfa de Cronbach (Sequeira et al., 2021)	Alfa de Cronbach (Oslon, 2011)
Coesão			
Equilibrada	0,818	0,77	0,89
Flexibilidade			
Equilibrada	0,774	0,64	0,84
Desmembrada	0,780	0,74	0,87
Emaranhada	0,377	0,47	0,77
Rígida	0,617	0,65	0,82
Caótica	0,762	0,73	0,86
Comunicação	0,927	0,90	
Satisfação	0,954	0,94	0,93
Total	0,862	0,81	

Walsh Family Resilience Questionnaire (WFRQ) – É uma Escala de autorresposta que avalia a percepção de resiliência familiar. Contém 32 itens, com respostas numa Escala de Likert de 1 a 5 em que 1 é muito pouco e 5 é muito e 2 perguntas de resposta aberta sobre como enfrentam situações de crise e mudanças no futuro (Rocchi et al.,2017). Os 32 itens são divididos por três subescalas, sendo elas: sistema de crenças (1 até 13); padrões de organização (14 até 22) e comunicação/ resolução de problemas (23 até 32) (Duncan et al., 2020). A primeira dimensão - sistema de crenças - avalia questões como a partilha e criação de significados, perspetiva positiva e espiritualidade, a segunda dimensão - padrões de organização - refere-se à flexibilidade, coesão e recursos económicos e sociais e a terceira dimensão - comunicação/ resolução de problemas - está relacionada com a

clareza, expressão emocional e resolução de problemas de forma partilhada. Na Tabela 6 encontram-se os valores de alfa de Cronbach obtidos nesta investigação bem como os valores da versão original (Rocchi et al., 2017).

Tabela 6*Alfa de Cronbach - WFRQ*

Subescalas	Alfa de Cronbach	Alfa de Cronbach (Rocchi et al., 2017)
Sistema de crenças	0,968	0,928
Padrões de organização	0,938	0,863
Comunicação e resolução de problemas	0,824	0,567
Total	0,976	0,946

Análise estatística

Os dados recolhidos foram analisados com recurso ao programa informático *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS, v.23). Para analisar a normalidade das variáveis estudadas nesta investigação recorreu-se ao teste de Komogorov-Smirnov concluindo-se que não existia uma distribuição normal ($p < 0,05$). No entanto, em amostras superiores a 300, quando não se observa normalidade, caso a assimetria seja maior que 2 e a curtose seja superior a 7, pode recorrer-se à estatística paramétrica (Kim, 2013). Neste caso, para as dimensões da FACES IV e WFRQ ($si = 0,071$; $cu = 0,142$) os valores foram inferiores aos referidos anteriormente permitindo assim realizar a análise dos dados com recurso a estatística paramétrica.

Resultados**Perceção do Funcionamento Familiar**

Pode observar-se na Tabela 7 que nas subescalas equilibradas, 528 participantes percecionam a sua família como sendo coesa (44,7%; $M = 26,54$). No que se refere à subescala da flexibilidade 719 (60,8%) participantes percecionam a sua família como sendo muito flexível ($M = 25,68$).

Nas subescalas desequilibradas, conforme pode verificar-se na Tabela 7, na generalidade, os resultados obtidos são muitos baixos ou baixos, correspondendo a uma perceção do funcionamento familiar como sendo equilibrado. Na subescala desmembrada, 674 participantes percecionam um desmembramento muito baixo (57%;

$M = 6,36$). Na subescala emaranhada, 692 participantes apresentam pontuações baixas (58,5%; $M = 19,30$), ou seja, percebem a sua família como pouco emaranhada. Na subescala rígida 540 participantes têm pontuações baixas (45,7%; $M = 19,77$) e na subescala caótica 726 participantes apresentaram pontuações muito baixas (61,4%; $M = 16,06$).

Tabela 7

Resultados das Subescalas da FACES IV

Subescalas	Nível	<i>n</i> (%)	<i>M</i>	<i>DP</i>	Mínimo	Máximo
Coesão Equilibrada	Algo coesa [10-30]	276 (23,4%)	26,54	4,49	7	35
	Coesa [35-60]	528 (44,7%)				
	Muito coesa [65-99]	378(32%)				
Flexibilidade Equilibrada	Algo flexível [10-20]	61 (5,2%)	25,68	4,28	7	35
	Flexível [25-60]	528 (44,7%)				
	Muito flexível [65-99]	719 (60,8%)				
Desmembrada	Muito Baixo [10-26]	674 (57%)	16,36	4,69	7	35
	Baixo [30-40]	354 (29,9%)				
	Moderado [45-60]	100 (8,5%)				
	Alto [64-75]	38 (3,2%)				
	Muito alto [80-99]	16 (1,4%)				
Emaranhada	Muito Baixo [10-26]	221 (18,7%)	19,30	3,19	7	31
	Baixo [30-40]	692 (58,5%)				
	Moderado [45-60]	232 (19,5%)				
	Alto [64-75]	36 (3%)				
	Muito alto [80-99]	2 (0,2%)				
Rígida	Muito Baixo [10-26]	247 (20,9%)	19,77	3,90	7	33
	Baixo [30-40]	540 (45,7%)				
	Moderado [45-60]	313 (26,5%)				
	Alto [64-75]	77 (6,5%)				
	Muito alto [80-99]	5 (0,4%)				
Caótica	Muito Baixo [10-26]	726 (61,4%)	16,06	4,37	7	35
	Baixo [30-40]	326 (27,6%)				
	Moderado [45-60]	81 (6,9%)				
	Alto [64-75]	44 (3,7%)				
	Muito alto [80-99]	5 (0,4%)				

Nota. n = frequência; % = percentagem de participantes M = Média; DP = Desvio Padrão.

Nas subescalas da comunicação e satisfação da FACES IV, pode-se observar (Tabela 8) que 477 participantes consideram a comunicação como sendo alta na sua família (31,9%; $M = 34,21$). Relativamente à subescala da satisfação, 377 participantes revelam-se pouco satisfeitos com a sua família (31,9%; $M = 34,21$).

Tabela 8*Resultados das Subescalas Comunicação e Satisfação da FACES-IV*

Subescalas	Nível	n (%)	M	DP	Mínimo	Máximo
Comunicação	Muito baixa [10-20]	166 (14%)	36,74	7,61	10	50
	Baixa [21-35]	108 (9,1%)				
	Moderada [36-60]	243 (20,6%)				
	Alta [61-85]	477 (40,4%)				
	Muito alta [86-99]	188 (15,9%)				
Satisfação	Muito baixa [10-20]	277 (23,4%)	34,21	8,31	10	50
	Baixa [21-35]	377 (31,9%)				
	Moderada [36-60]	186 (15,7%)				
	Alta [61-85]	219 (18,5%)				
	Muito alta [86-99]	123 (10,4%)				

Nota. n = frequência; % = percentagem de participantes M = Média; DP = Desvio Padrão.

Na Tabela 9 apresenta os resultados da ANOVA na comparação das subescalas da FACES IV em função dos rendimentos dos agregados familiares dos participantes. Os resultados apontam para diferenças estatisticamente significativas na subescala da coesão equilibrada ($p < 0,01$), flexibilidade equilibrada ($p < 0,01$), desmembrada ($p < 0,01$) e na subescala caótica ($p < 0,05$). Observou-se que os elementos das famílias que têm rendimentos até 500€ percebem menos coesão face às restantes famílias ($M = 23,57$). Elementos de famílias com rendimentos acima dos 3000€ ($M = 27,19$) apresentam maior coesão equilibrada. Sujeitos de famílias com rendimentos até aos 1000€ apresentam diferenças estatisticamente significativas nas subescalas da coesão e flexibilidade equilibradas, face às restantes, apresentando os valores médios mais baixos em comparação com todos os outros grupos (M coesão = 27,19; M flexibilidade = 26,69). Nas subescalas desequilibradas verificaram-se diferenças estatisticamente significativas entre os grupos na subescala desmembrada sendo que existem diferenças entre os sujeitos das famílias com rendimentos até aos 500 (M desmembrada = 17,75) e dos 500 aos 1000 (M desmembrada = 17,05), em comparação com as que têm rendimentos entre os 2000 e 3000 (M desmembrada = 15,69) e com quem tem mais de 3000 € (M desmembrada = 15,53).

Tabela 9

Rendimentos das Famílias e Percepção do Funcionamento Familiar (FACES IV)

		FACES IV											
		Subescalas Equilibradas				Subescalas Desequilibradas							
		Coesão		Flexibilidade		Desmembrada		Emaranhada		Rígida		Caótica	
Rendimentos		<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>
Até 500€	500€	23,57	5,38	23,10	4,60	17,75	4,77	18,84	3,06	19,71	3,82	17,00	4,19
Entre 500€ e 1000€		25,81	4,40	25,14	4,37	17,05	4,79	19,56	3,33	19,76	3,88	16,63	4,92
Entre 1000€ e 2000€		26,79	4,36	25,80	4,16	16,40	4,64	19,37	3,26	19,76	3,88	16,01	4,10
Entre 2000€ e 3000€		27,05	4,75	25,96	4,41	15,69	4,76	19,33	3,05	19,71	3,67	15,87	4,47
Mais de 3000€		27,19	3,64	26,69	3,68	15,53	4,24	18,60	2,77	19,89	4,42	15,16	3,96
ANOVA (F)		9,323**		7,997**		4,759**		2,322 ^{ns}		0,048 ^{ns}		3,188*	
Comparação múltipla de média de ordens		1vs2	**	1vs2	*	1vs2	NS	1vs2	NS	1vs2	NS	1vs2	NS
		1vs3	**	1vs3	**	1vs3	NS	1vs3	NS	1vs3	NS	1vs3	NS
		1vs4	**	1vs4	**	1vs4	*	1vs4	NS	1vs4	NS	1vs4	NS
		1vs5	**	1vs5	**	1vs5	*	1vs5	NS	1vs5	NS	1vs5	NS
		2vs3	*	2vs3	NS	2vs3	NS	2vs3	NS	2vs3	NS	2vs3	NS
		2vs4	*	2vs4	NS	2vs4	*	2vs4	NS	2vs4	NS	2vs4	NS
		2vs5	*	2vs5	**	2vs5	*	2vs5	*	2vs5	NS	2vs5	*
		3vs4	NS	3vs4	NS	3vs4	NS	3vs4	NS	3vs4	NS	3vs4	NS
		3vs5	NS	3vs5	NS	3vs5	NS	3vs5	NS	3vs5	NS	3vs5	NS
		4vs5	NS	4vs5	**	4vs5	NS	4vs5	NS	4vs5	NS	4vs5	NS

Nota. *M* = Média; *DP* = Desvio Padrão; 1 = até 500€; 2 = entre 500€ a 1000€; 3 = entre 1000€ e 2000€;

4 = entre 2000€ e 3000€; 5 = mais de 3000€; *F* = ANOVA; **p*<0,05; ***p*<0,01, ^{NS} = não significativo.

Relativamente às subescalas da satisfação os sujeitos pertencentes a famílias com rendimentos até 500€ são os que apresentam menor satisfação (*M* satisfação = 32,98) e comunicação (*M* comunicação = 30,49). As famílias que percecionam maiores níveis de satisfação e comunicação foram as famílias com rendimentos superiores a 3000 (*M* satisfação = 38,35; *M* comunicação = 36,49). Observaram-se diferenças estatisticamente significativas entre as famílias com rendimentos até aos 500 e as famílias com rendimentos entre 1000 e 2000 (*M* satisfação = 36,85), 2000 e 3000 (*M* satisfação = 37,33), e mais de 3000 (*M* satisfação = 38,35). Quanto à comunicação observaram-se diferenças estatisticamente significativas entre as famílias com rendimentos até aos 500 (*M* comunicação = 30,49) e as famílias com rendimentos de mais de 3000 (*M* comunicação = 36,49) e entre as famílias com rendimentos entre 500 e 1000 (*M* comunicação = 33,08) e as famílias com rendimentos de mais de 3000 (*M* comunicação = 36,49) (Tabela 10).

Tabela 10

Rendimentos das Famílias e Subescalas da Satisfação e Comunicação (FACES IV)

Rendimentos	FACES IV			
	Satisfação		Comunicação	
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>
Até 500€	32,98	9,35	30,49	9,30
Entre 500€ e 1000€	35,85	7,45	33,08	7,95
Entre 1000€ e 2000€	36,85	7,49	34,07	8,18
Entre 2000€ e 3000€	37,33	7,74	35,20	8,62
Mais de 3000€	38,35	6,79	36,49	7,70
ANOVA (F)	7,192**		5,915**	
Comparação múltipla de média de ordens	1vs2	NS	1vs2	NS
	1vs3	*	1vs3	NS
	1vs4	**	1vs4	NS
	1vs5	**	1vs5	*
	2vs3	NS	2vs3	NS
	2vs4	*	2vs4	NS
	2vs5	**	2vs5	*
	3vs4	NS	3vs4	NS
	3vs5	*	3vs5	NS
	4vs5	NS	4vs5	NS

Nota. *M* = Média; *DP* = Desvio Padrão; 1 = até 500€; 2 = entre 500€ a 1000€; 3 = entre 1000€ e 2000€; 4 = entre 2000€ e 3000€; 5 = mais de 3000€; *F* = ANOVA; **p* < 0,05; ***p* < 0,01, *NS* = não significativo.

Percepção de Resiliência Familiar (WFRQ),

Os participantes apresentam uma elevada percepção de Resiliência Familiar. Na Tabela 11 podem observar-se que na subescala sistema de crenças obteve-se um resultado alto (*M* = 61,34; min = 16 e máx = 80). Também nos padrões de organização o resultado é alto (*M* = 37,83; mín = 10 e máx = 50) tal como na subescala da comunicação e resolução de problemas o (*M* = 21,61; mín = 6 e máx = 30).

Tabela 11

Resultados das Subescalas da WFRQ

	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>Mínimo</i>	<i>Máximo</i>
Sistema de Crenças	61,34	13,17	16	80
Padrões de Organização	37,83	8,11	10	50
Comunicação e resolução de problemas	21,61	4,66	6	30

Nota. *M*= Média; *DP*= Desvio Padrão.

Foram analisados os resultados obtidos quanto à Resiliência Familiar (WFRQ) tendo em conta os rendimentos das famílias dos participantes (Tabela 12). Conclui-se que percepção de resiliência varia em função do rendimento familiar, sendo mais baixa nos sujeitos de rendimentos com menos de 500€, aumentando progressivamente à medida que

os rendimentos aumentam. Existem diferenças estatisticamente significativas em todas as subescalas ($p < 0,01$) em função dos 5 níveis de rendimentos. As famílias com rendimentos até 500€ percecionam menor resiliência em todas as subescalas (M sistema de crenças = 53,31; M padrões de organização = 39,38; M comunicação = 23,34). As famílias com rendimentos acima dos 3000€ percecionam-se como mais resilientes em todas as subescalas (M sistema de crenças = 64,82; M padrões de organização = 39,38; M comunicação = 23,34). Observaram-se diferenças estatisticamente significativas na subescala sistema de crenças entre os sujeitos pertencentes a famílias com os 5 níveis de rendimentos identificados - rendimentos inferiores a 500€ ($M = 53,31$), entre 500 e 1000 ($M = 58,98$), entre 1000 e 2000 ($M = 61,26$), 2000 e 3000 ($M = 63,74$), e mais de 3000 ($M = 64,82$). Estas diferenças não se observaram na comparação entre famílias com rendimentos entre 1000 e 2000€ e famílias com rendimentos entre 2000 a 3000€ e, novamente, entre estas e as famílias com rendimentos superiores a 3000€.

Também na subescala dos padrões organizacionais observaram-se diferenças estatisticamente significativas entre os sujeitos pertencentes a famílias com rendimentos inferiores a 500€ ($M = 34,16$), sujeitos com rendimentos entre 1000 e 2000 ($M = 37,81$), entre 2000 e 3000 ($M = 38,88$) e com mais de 3000 ($M = 39,38$). Também se observaram diferenças na comparação entre os sujeitos com rendimentos entre 500 e 1000€ e com mais de 3000€.

Na subescala comunicação e resolução de problemas observaram-se diferenças estatisticamente significativas entre todos os níveis de rendimentos à exceção das famílias com rendimentos entre 2000 e 3000€ ($M = 22,67$) e com mais de 3000€ ($M = 23,34$).

Tabela 12

Rendimentos das Famílias e Percepção da Resiliência Familiar (WFRQ)

Rendimentos	WFRQ					
	Sistema de Crenças		Padrões Organizacionais		Comunicação e resolução de problemas	
	M	DP	M	DP	M	DP
Até 500€	53,31	15,31	34,16	10,11	17,43	5,26
Entre 500€ e 1000€	58,98	13,55	36,79	8,32	20,50	4,62
Entre 1000€ e 2000€	61,26	12,67	37,81	7,85	21,63	4,37
Entre 2000€ e 3000€	63,74	13,16	38,88	8,12	22,67	4,66
Mais de 3000€	64,82	11,39	39,38	7,13	23,34	4,10
ANOVA (F)	11,405**		5,943**		22,920**	
Comparação múltipla de média de ordens	1vs2	*	1vs2	NS	1vs2	**
	1vs3	**	1vs3	*	1vs3	**
	1vs4	**	1vs4	**	1vs4	**
	1vs5	**	1vs5	**	1vs5	**
	2vs3	**	2vs3	NS	2vs3	*
	2vs4	**	2vs4	*	2vs4	**
	2vs5	**	2vs5	*	2vs5	**
	3vs4	NS	3vs4	NS	3vs4	*
	3vs5	*	3vs5	NS	3vs5	**
4vs5	NS	4vs5	NS	4vs5	NS	

Nota. M = Média; DP = Desvio Padrão; 1 = até 500€; 2 = entre 500€ a 1000€; 3 = entre 1000€ e 2000€; 4 = entre 2000€ e 3000€; 5 = mais de 3000€; F = ANOVA; * $p < 0,05$; ** $p < 0,01$; NS = não significativo

Preocupação face à Situação COVID

Foi avaliado o grau de preocupação face à situação COVID-19, tendo sido consideradas 5 áreas: 1. situação escolar/profissional; 2. financeira; 3. familiar; 4. social e 5. saúde. Os participantes responderam ao grau de preocupação numa escala de *Likert* de 1 a 5 onde 1 era “nada preocupado(a)” e 5 “muitíssimo preocupado(a)”. Foi analisado o grau de preocupação em cada uma das áreas referidas tendo em conta os diferentes grupos de rendimentos dos participantes (Tabela 13).

Concluiu-se que os participantes sentem maior preocupação relativamente à situação profissional/escolar e financeira da família. Existem diferenças estatisticamente significativas em todas as áreas analisadas ($p < 0,01$ e $p < 0,05$) em função dos 5 níveis de rendimentos, sendo que esta preocupação é maior em indivíduos com rendimentos inferiores a 500€ e vai diminuindo à medida que os rendimentos aumentam. As famílias com rendimentos até aos 500€ são as que demonstram maior preocupação em todas as áreas (M situação escolar/profissional = 3,65; M situação financeira = 3,76; M situação familiar = 3,73; M situação social = 3,49; M situação de saúde = 3,25). As famílias com rendimentos acima dos 3000€ são as que revelam menor preocupação em todas as áreas

(M situação escolar/profissional = 2,63; M situação financeira = 2,37; M situação familiar = 3,19; M situação social = 2,97; M situação de saúde = 2,80).

Na situação escolar/profissional revelam-se diferenças estatisticamente significativas em sujeitos pertencentes a famílias com rendimentos inferiores a 500€ ($M = 3,65$) e entre 500 e 1000€ ($M = 3,16$). Destaca-se a situação financeira por ser a área onde se verificam diferenças estatisticamente significativas nos 5 níveis dos rendimentos identificados - rendimentos inferiores a 500€ ($M = 3,76$), entre 500 e 1000 ($M = 3,29$), entre 1000 e 2000 ($M = 2,99$), 2000 e 3000 ($M = 2,69$), e mais de 3000 ($M = 2,37$). Estas diferenças não se observam na comparação entre famílias com rendimentos entre 500 e 1000€ e com rendimentos entre 1000 e 2000€, entre rendimentos de 1000€ a 2000€ e 2000 e 3000€ bem como entre 2000 a 3000€ e mais de 3000€.

Sobre a preocupação com a situação familiar, a comparação entre grupos, revelou diferenças estatisticamente significativas entre os rendimentos acima dos 3000€ com os restantes níveis de rendimentos, com os sujeitos com rendimentos mais altos menos preocupados. Quanto à preocupação com a situação social apenas se observaram diferenças estatisticamente significativas entre os grupos de rendimentos até aos 5000€ e o grupo com rendimentos superiores a 3000€. Por fim, na situação de saúde observaram-se diferenças estatisticamente significativas entre os sujeitos de famílias com rendimentos acima dos 3000€ em comparação com todos os outros níveis, à exceção dos rendimentos inferiores a 500€.

Tabela 13

Preocupação face à situação COVID-19

Preocupação face à situação COVID -19											
	Situação Escolar/Profissional		Situação Financeira		Situação Familiar		Situação Social		Situação de Saúde		
Rendimentos	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP	
Até 500€ (1)	3,65	1,036	3,76	1,069	3,73	1,06	3,49	1,27	3,25	1,24	
Entre 500€ e 1000€ (2)	3,16	1,097	3,29	1,099	3,56	1,09	3,26	1,08	3,12	1,11	
Entre 1000€ e 2000€ (3)	3,07	1,058	2,99	1,005	3,50	0,99	3,20	1,06	3,11	1,05	
Entre 2000€ e 3000€ (4)	2,87	1,076	2,69	0,951	3,60	0,95	3,26	1,08	3,19	1,01	
Mais de 3000€ (5)	2,63	1,076	2,37	0,987	3,19	1,02	2,97	1,14	2,80	1,07	
F	11,164**		29,970**		4,401**		2,689*		3,270*		
Comparação múltipla de média dos grupos	1vs2	*	1vs2	*	1vs2	NS	1vs2	NS	1vs2	NS	
	1vs3	**	1vs3	**	1vs3	NS	1vs3	NS	1vs3	NS	
	1vs4	**	1vs4	**	1vs4	NS	1vs4	NS	1vs4	NS	
	1vs5	**	1vs5	**	1vs5	*	1vs5	*	1vs5	NS	
	2vs3	NS	2vs3	**	2vs3	NS	2vs3	NS	2vs3	NS	
	2vs4	*	2vs4	**	2vs4	NS	2vs4	NS	2vs4	NS	
	2vs5	**	2vs5	**	2vs5	**	2vs5	NS	2vs5	*	
	3vs4	NS	3vs4	**	3vs4	NS	3vs4	NS	3vs4	NS	
	3vs5	**	3vs5	**	3vs5	*	3vs5	NS	3vs5	*	
	4vs5	NS	4vs5	*	4vs5	**	4vs5	NS	4vs5	**	

Nota. M= Média; DP= Desvio Padrão; 1= até 500€; 2= entre 500€ a 1000€; 3= entre 1000€ e 2000€; 4= entre 2000€ e 3000€; 5= mais de 3000€; F= ANOVA; * $p < 0,05$; ** $p < 0,01$, ^{NS}= não significativo.

Realizou-se um estudo correlacional entre a variável rendimentos e as escalas FACES IV e WFRQ (Apêndices A e B), revelando relação negativa estatisticamente significativas.

Discussão dos resultados

A presente investigação teve como objetivos analisar a perceção de funcionamento e resiliência familiar e preocupação face à situação COVID-19 em sujeitos pertencentes a famílias com diferentes rendimentos.

Os resultados apresentados permitem concluir que no contexto da pandemia COVID-19:

- 1) No geral, os sujeitos percecionam as suas famílias como funcionais, coesas e flexíveis, com uma boa comunicação, mas com baixa satisfação.
- 2) No geral, os sujeitos percecionam elevada resiliência em todas as dimensões e, em particular, na dimensão sistema de crenças.

- 3) A percepção de funcionamento familiar varia em função do rendimento mensal, sendo que os sujeitos de famílias com rendimentos mais baixos percebem menos coesão, flexibilidade e satisfação.
- 4) A percepção de resiliência familiar varia em função dos rendimentos, sendo que, à medida que os rendimentos aumentam a percepção de resiliência também é mais elevada, em todas as dimensões. Famílias com rendimentos mais baixos, até 1000 euros mensais, percebem menor resiliência em todas as dimensões.
- 5) A preocupação com a situação COVID -19 é maior, em todas as dimensões, nos sujeitos pertencentes a famílias com rendimentos mais baixos, até 1000 euros mensais.

Os sujeitos em estudo percebem as suas famílias como coesas, flexíveis com uma boa comunicação, no entanto com baixa satisfação. Segundo Osion e Gorall (2011) famílias que apresentam níveis altos de coesão e flexibilidade são consideradas como tendo um bom funcionamento familiar. Relativamente ao baixo nível de satisfação, este pode ser justificado através da vivência pandémica tal como se verificou no estudo de Mohring et al. (2020), sendo que esta insatisfação pode ser justificada pelo confronto com vários desafios em simultâneo – internos e externos – ao longo do tempo da pandemia. Exemplo destes desafios foi a sobrecarga relatada nos cuidados dos pais face aos filhos e a ausência dos sistemas de suporte, que antes estavam disponíveis (escola, ATL, familiares, etc.) (Marchetti et al., 2020). Também a privação social (Best et al., 2021) foi identificada como um fator de stress intenso. As questões financeiras que algumas famílias experienciaram também são um potencial fator explicativo da insatisfação familiar (Mansfield et al., 2013; Rudolph & Zacher, 2021).

A percepção de funcionamento familiar varia em função do rendimento da família, sendo que o rendimento mais baixo está associado a menor percepção de coesão, flexibilidade, percepção da família como desmembrada, menor satisfação. Num estudo feito por Peltz et al. (2020), afirma que famílias que experienciaram stress financeiro durante a vivência pandémica revelaram menor coesão familiar e maior existência de conflito parental em comparação com famílias com rendimentos elevados, sugerindo assim que rendimentos elevados funcionam como um elemento protetor ou estabilizador face a situações de maior adversidade. Este resultado coincide com o estudo de Silva (2015) onde se observou uma baixa satisfação das famílias com rendimentos até aos 500€.

De acordo com King et al. (2015) menores recursos financeiros geram maior *stress* que consequentemente gera menor satisfação, ou seja, quanto maior o rendimento maior a satisfação familiar, resultado que também se observou no presente estudo. Para além da satisfação, famílias com rendimentos acima dos 600€ também perceberam ser mais flexíveis (Cerveira, 2015). A relação entre menor flexibilidade familiar e baixos rendimentos pode ser justificada pelas dificuldades em dar resposta face às situações extrafamiliares, que neste caso são todas as dimensões que a COVID pode provocar, como o caso de perda de emprego ou diminuição de salários.

Os sujeitos percebem elevada resiliência em todas as dimensões e, em particular, na dimensão sistema de crenças. Este resultado vai ao encontro do estudo feito por García et al. (2021), afirmando existir elevada resiliência nas famílias durante o período da vivência pandémica. A elevada resiliência, especialmente na dimensão do sistema de crenças pode ser explicada pelos fortes valores familiares que influenciam cada elemento da família potenciando atitudes positivas face ao cuidado a ter relativamente à prevenção da COVID-19 (Fadmawaty & Wasludin, 2021). Também a forte valorização do conceito de família, que está presente na cultura Portuguesa e a união e coesão que caracteriza as nossas famílias, pode ter funcionado como fator protetor e potenciador da resiliência familiar, uma vez que a maioria das pessoas enfrentou a situação pandémica vivendo no seu agregado familiar usufruindo, assim, de um sentimento de proteção e união no enfrentamento da crise.

Ainda assim, e embora a resiliência seja, no geral, elevada nos nossos participantes, de acordo com os resultados, a percepção de resiliência familiar varia em função dos rendimentos, sendo que à medida que os rendimentos aumentam a percepção de resiliência também é mais elevada, em todas as dimensões. Os sujeitos com rendimentos até aos 1000€ apresentam resiliência mais baixa, em particular na dimensão sistemas de crenças. Segundo Walsh (2020), o sistema de crenças é o pilar principal da resiliência familiar, envolve um conjunto de perspetivas multigeracionais e socioculturais que existem na família e que facilitam a adaptação e construção de um sentido positivo e útil face às experiências adversas que a família enfrenta. Estas crenças atuam de forma partilhada para dar significados às crises, para desenvolver uma perspetiva positiva e de esperança face ao problema, bem como dar-lhes um significado espiritual (Prime, 2020). No contexto pandémico a forma como as famílias perspetivaram a crise em curso é particularmente relevante na sua adaptação. Nestas circunstâncias as crenças e padrões

de atribuição de significados, já desenvolvidos na família, assumem um papel chave, pois são imediatamente ativadas para significar os acontecimentos em curso. A percepção de limitações nos recursos financeiros disponíveis pode ter tido um impacto negativo na percepção de capacidade de enfrentamento da família face à crise.

Como suporte do resultado acima, num estudo feito por Matos et al. (2021) com o objetivo de analisar a resiliência familiar em famílias em contexto de pobreza concluiu que quanto menores os rendimentos, menor a resiliência sendo que fatores como emprego, conhecimento e desenvolvimento infantil são fatores protetores que contribuem positivamente para a superação de adversidades, como é o caso da pobreza.

A preocupação com a situação COVID -19 é maior, em todas as dimensões, nos sujeitos pertencentes a famílias com rendimentos mais baixos. Relativamente à situação profissional/escolar, as famílias com menores rendimentos percebem maior preocupação face às incertezas do mercado de trabalho e dificuldades/constrangimentos económicos. A preocupação com a perda de emprego pode ser um fator a ter em consideração e o desemprego é uma possível porta para a emergência de sintomas depressivos (Moorhouse & Caltabiano, 2011).

A nível financeiro todas as famílias demonstram preocupação não sendo esta uma dificuldade sentida de forma particular, mas sim a nível mundial, afetando toda a economia global. Um estudo de Amore et al. (2021) relevou que os negócios familiares sentiram dificuldades económicas, no entanto, comparativamente a outras empresas o seu desempenho foi melhor pela maior ausência de recursos humanos externos e pela existência de laços familiares que permitiram responder mais positivamente à crise. A situação financeira afetou potencialmente uma percentagem elevada da população, devido à obrigatoriedade de teletrabalho nos empregos com essa possibilidade e desemprego ou *layoff* para os sujeitos impossibilitados de exercer a profissão dentro das suas casas (Sagita et al., 2020). Esta preocupação que as famílias sentiram poderá ser justificada pela incerteza a nível profissional e, consequentemente, a forma como gerem as suas economias com o objetivo de não entrarem em dificuldades económicas graves, como por exemplo, a impossibilidade de pagar contas mensais ou passar fome. Esta preocupação com a possibilidade de não conseguirem gerir da melhor forma as suas dificuldades económicas afeta a sua qualidade de vida e gera maior *stress* psicológico (Lai, 2011; Sweet et al., 2013).

Conclusão

Este estudo permitiu concluir que os sujeitos das famílias com rendimentos financeiros muito baixos e baixos apresentam uma percepção de funcionamento familiar menos coeso, menos flexível e evidenciam menor satisfação com a sua família. Percebem também as suas famílias como menos resilientes na forma como percebem a crise COVID -19, como se organizam, dos recursos de que dispõem para a enfrentar e nas estratégias comunicacionais que utilizam.

Como limitações deste trabalho aponta-se o número reduzido de indivíduos com rendimentos familiares muito baixos e baixos. O recrutamento de um maior número de participantes que se enquadrem nestes níveis de rendimentos permitiria fortalecer as conclusões apresentadas sobre a relação entre rendimentos familiares, funcionamento e resiliência.

Uma análise longitudinal das variáveis em causa ao longo da pandemia também permitiria aferir com maior rigor a consistência dos achados desta investigação. Em particular a aferição da estabilidade, ou não, das percepções de funcionamento e resiliência em função de situações pandémicas específicas, como por exemplo os períodos de confinamento e o grau de risco específico dos concelhos de residência.

O estudo em causa sugere algumas implicações clínicas, especificamente para as famílias com rendimentos mais baixos. Sugere-se a disponibilização de um investimento na intervenção com estas famílias numa lógica de resposta à crise atual e a crises futuras. A intervenção clínica deverá implicar o fortalecimento da coesão entre os elementos e a promoção de padrões de funcionamento mais flexíveis, tendo em vista a promoção de uma maior capacidade de adaptação/mudança face às crises. Outro foco da intervenção deverá ser a construção de uma perspetiva resiliente da própria família, por exemplo, enfatizando momentos e histórias de familiares resilientes e recrutando audiências no contexto de vida da família, que amplifiquem esta visão de capacidade e competência e que se constituam como recursos a serem ativados nas situações de crise futuras. Também é de extrema importância o apoio social a estas famílias, sendo que a intervenção deverá alargar-se à rede social numa abordagem colaborativa, ativando todos os apoios e através de uma leitura multidisciplinar das dificuldades e intervenções.

Referências Bibliográficas

- Alarcão, M. (2002). *(Des)equilíbrios familiares (2 nd ed.)*. Quarteto
- Amore, M. D., Quarato, F., & Pelucco, V. (2021). Family Ownership During the COVID-19 Pandemic. *Bocconi University Management Research Paper*. <http://dx.doi.org/10.2139/ssrn.3773430>
- Amsalem, D., Dixon, L. L., & Neria, Y. (2020). The Coronavirus Disease 2019 (COVID-19) Outbreak and Mental Health: Current Risks and Recommended Actions. *JAMA Psychiatry*, 78(1), 9-10. <https://jamanetwork.com/journals/jamapsychiatry/fullarticle/2767724>
- Banovcinova, A., Levicka, J., & Veres, M. (2014). The Impact of Poverty on the Family System Functioning. *Procedia- Social and Behavioral Sciences*, 132, 148-153. <https://doi.org/10.1016/j.sbspro.2014.04.291>
- Best, L. A., Law, M. A., Roach, S., & Wilbiks, J. M. P. (2021). The psychological impact of COVID-19 in Canada: Effects of social isolation during the initial response. *Canadian Psychology/Psychologie canadienne*, 62(1), 143-154. <http://dx.doi.org/10.1037/cap0000254>
- Black, K., & Lobo, M. (2008). A conceptual review of family resilience factors. *Journal of Family Nursing*, 14(1), 33-55. <https://doi.org/10.1177/1074840707312237>
- Bordalo, A. A. (2006). Estudo transversal e/ou longitudinal. *Revista Paraense de Medicina*, 20(4). http://scielo.iec.gov.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-59072006000400001
- Brown, S. M., Doom, J. R., Lechuga-Pena, S., Watamura, S. E., & Koppels, T. (2020). Stress and parenting during the global COVID-19 pandemic. *Child Abuse & Neglect*, 110. <https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2020.104699>
- Calvano, C., Engelke, L., Bella, J. D., Kindermann, J., Renneberg, B., & Winter, S. M. (2021). Families in the COVID-19 pandemic: parental stress, parent mental, health and the occurrence of adverse childhood experiences- results of a representative survey in Germany. *European Child & Adolescent Psychiatry*. <https://doi.org/10.1007/s00787-021-01739-0>

- Cerveira, C. M. (2015). *Funcionamento das famílias: Perceção de funcionamento familiar nas diferentes configurações familiares*. [Dissertação de Mestrado, Instituto Superior Miguel Torga]. Repositório ISMT. <https://repositorio.ismt.pt/bitstream/123456789/486/1/Disserta%20a7%20a3o.pdf>
- Conger, R. D., Conger, K. J., & Martin, M. J. (2010). Socioeconomic Status, Family Processes, and Individual Development. *Journal of Marriage and Family*, 72(3), 685-704. <https://doi.org/10.1111/j.1741-3737.2010.00725.x>
- Cunha, D., & Relvas, A. P. (2015). Crise económica e dificuldades familiares: Duas faces da mesma moeda? *PSYCHOLOGIA*, 58(2), 25-39. https://doi.org/10.14195/1647-8606_58-2_2
- Daks, J. S., Peltz, J. S., & Rogge, R.D. (2020). Psychological flexibility and inflexibility as sources of resiliency and risk during a pandemic: Modeling the cascade of COVID-19 stress on family systems with a contextual behavioral science lens. *Journal of Contextual Behavioral Science*, 18, 16-27. <https://doi.org/10.1016/j.jcbs.2020.08.003>
- Direção-Geral de Saúde COVID-19 (2020, março). *Comunicado: Casos de infeção por novo Coronavírus (COVID-19)*. <https://covid19.min-saude.pt/wp-content/uploads/2020/03/Atualiza%20a7%20a3o-de-02032020-1728.pdf>
- Direção-Geral de Saúde COVID-19 (2021). *Perguntas frequentes*. <https://covid19.min-saude.pt/category/perguntas-frequentes/>
- Drobnič, S., Beham, B., & Präg, P. (2010). Good Job, Good Life? Working Conditions and Quality of Life in Europe. *Soc Indic Res*, 99, 205-255. <https://doi.org/10.1007/s11205-010-9586-7>
- Dirzytė, A.; Rakauskienė, O. G., & Servetkienė, V. (2017). Evaluation of resilience impact on socio-economic inequality. *Entrepreneurship and Sustainability Issues*, 4(4), 489-501. [https://doi.org/10.9770/jesi.2017.4.4\(7\)](https://doi.org/10.9770/jesi.2017.4.4(7))
- Duncan, J. M., Garrison, M. E., & Killian, T. S. (2020). Measuring Family Resilience: Evaluating the Walsh Family Resilience Questionnaire. *The Family Journal*, 29(1), 80-85. <https://doi.org/10.1177/1066480720956641>
- Eales, L., Ferguson, G. M., Gillespie, S., Smoyer, S., & Carlson, S. M. (in press). Family resilience and psychological distress in the COVID-19 pandemic: A mixed methods study. *Developmental Psychology*. <https://innovation.umn.edu/culture-and-family-life-lab/wp-content/uploads/sites/51/2021/07/Eales-et-al-Developmental-Psychology.pdf>

- García, M. O. P., Toro, V. H., Faúndez, M. A., & Hernández, E. G. (2021). Resiliencia familiar en situaciones de confinamiento generadas por el Covid-19. *DEDiCA Revista De Educação E Humanidades (dreh)*, 18, 91-108. <https://doi.org/10.30827/dreh.vi18.17828>
- Fadmawaty, A., & Wasludin, W. (2021). The Effect of The Belief System, Family Organizations and Family Communication on Covid-19 Prevention Behavior: The Perspective of Family Resilience. *International Journal of Disaster Management*, 4(2), 9-22. <https://doi.org/10.24815/ijdm.v4i2.20411>
- Gouveia-Pereira, M., Gomes, H., Miranda, M., & Candeias, J. M. (2020). Coesão e flexibilidade familiar: Validação do pacote FACES IV junto de adolescents portugueses. *Análise Psicológica*, 1(38), 111-126. <http://dx.doi.org/10.14417/ap.1651>
- Hackbarth, M., Pavkov, T., Wetchler, J., & Flannery, M. (2011). Natural disasters: An assessment of family resiliency following hurricane Katrina. *Journal of Marital and Family Therapy*, 38(3), 340-351. <https://doi.org/10.1111/j.1752-0606.2011.00227.x>
- Hussong, A., Midgette, A., Richards, A., Petrie, R., Coffman, J., & Thomas, T. (2020). COVID-19 Life Events Spill-Over on Family Functioning and Adolescent Adjustment. *Research Square*. <https://doi.org/10.21203/rs.3.rs-90361/v1>
- Kim, H.-Y. (2013). Statistical notes for clinical researchers: assessing normal distribution (2) using skewness and kurtosis. *Restorative Dentistry & Endodontics*, 38(1), 52-54. <https://doi.org/10.5395/rde.2013.38.1.52>
- King, V., Boyd, L. M., & Thorsen, M. L. (2015). Adolescents Perceptions of Family Belonging in Stepfamilies. *Journal of Marriage and Family*, 77(3), 761-774. <https://doi.org/10.1111/jomf.12181>
- Kornrich, S., & Eger, M. A. (2014). Family Life in Context: Men and Women's Perceptions of Fairness and Satisfaction Across Thirty Countries. *Social Politics: International Studies in Gender*, 23(1), 40-69. <https://doi.org/10.1093/sp/jxu030>
- Mansfield, A. K., Dealy, J. A., & Keitner, G. (2013). Family Functioning and Income: Does Low-Income Status Impact Family Functioning?. *The Family Journal: Counseling and Therapy for Couples and Families*, 21(3), 297-305. <https://doi.org/10.1177/1066480713476836>
- Marchetti, D., Fontanesi, L., Mazza, C., Giandomenico, S., Roma, P., & Verrocchio, M. C. (2020). Parenting-Related Exhausting During the Italian COVID-19 Lockdown. *Journal of Pediatric Psychology*, 45(10), 1114-1123. <https://doi.org/10.1093/jpepsy/jsaa093>

- Matos, L. A., Leal, E. M. R., Pontes, F. A. R. & Silva, S. S. C. (2021). Poverty and family resilience in Belém-Pará. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 34(12). <https://doi.org/10.1186/s41155-021-00176-x>
- Moorhouse, A., & Caltabiano, M. L. (2007). Resilience and unemployment: exploring risk and protective influences for the outcome variables of depression and assertive job searching. *Journal of employment counseling*, 44(3), 115-125. <https://doi.org/10.1002/j.2161-1920.2007.tb00030.x>
- Möhring, K., Naumann, E., Reifenscheid, M., Wenz, A., Retting, T., Krieger, U., & Blom, A. G. (2020). The COVID-19 pandemic and subjective well-being: longitudinal evidence on satisfaction with work and family. *European Societies*, 23(1), 601-607. <https://doi.org/10.1080/14616696.2020.1833066>
- Neubauer, A., Schmidt, A., Kramer, A., & Schmiedek, F. (2020). A Little Autonomy Support Goes a Long Way: Daily Autonomy-Supportive Parenting, Child Well-Being, Parental Need Fulfillment, and Change in Child, Family, and Parent Adjustment Across the Adaptation to the COVID-19 Pandemic. *Child Development*, 1-19. <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/33462836/>
- Lai, D. W. (2011). Perceived impact of economic downturn on worry experienced by elderly Chinese immigrants in Canada. *Journal of Family and Economic Issues*, 32(3), 521–531. <https://doi.org/10.1007/s10834-010-9239-7>
- Lebow, J. L. (2020). Family in the Age of COVID-19. *Family Process*, 1-4. <https://doi.org/10.1111/famp.12543>
- Lopes, B. F. (2020). Percepção do funcionamento familiar em context de pandemia COVID-19: Um estudo com adolescentes portugueses. [Dissertação de Mestrado, Instituto Superior Miguel Torga].
- Olson, D. H., Russell, C., & Sprenkle, D. (1983). Circumplex Model VI: Theoretical update. *Family Process*, 22(1), 69-83. <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/6840263/>
- Olson, D. H. (2000). Circumplex Modelo of Marital and Family Systems. *The Association for Family Therapy*, 22 (2), 144-167. <https://doi.org/10.1111/1467-6427.00144>
- Olson, D. H., & Gorall, D. M. (2003). Circumplex model of marital and family systems. *Normal family processes: Growing diversity and complexity* (p. 514-548). The Guilford Press.
- Olson, D. (2011). FACES IV and the Circumplex: Validation Study. *Journal of Marital and Family Therapy*, 37(1), 64-80. <https://doi.org/10.1111/j.1752-0606.2009.00175.x>

- Pallant, J. (2007). *SPSS Survival Manual: A Step by Step Guide to Data Analysis Using SPSS*. (3rd ed.). Open University Press
- Peltz, J. S., Crasta, D., Daks, J., & Rogge, R. D. (2020). Shocks to the System: The Influence of COVID-19-related Stressors on Coparental and Family Functioning. <https://doi.org/10.31219/osf.io/93hk4>
- Pereira, A. & Patrício, T. (2016). *SPSS Guia Prático de utilização: Análise de dados para ciência sociais e psicologia*. (8th ed.). Edições Sílabo.
- PORDATA. (2021). *Salário médio mensal dos trabalhadores por conta de outrem: remuneração base e ganho*. <https://www.pordata.pt/Portugal/Sal%C3%A1rio+m%C3%A9dio+mensal+dos+trabalhadores+por+conta+de+outrem+remunera%C3%A7%C3%A3o+base+e+ganho-857>
- PORDATA. (2021). *Salário médio mensal dos trabalhadores por conta de outrem: remuneração base e ganho por sexo*. <https://www.pordata.pt/Portugal/Sal%C3%A1rio+m%C3%A9dio+mensal+dos+trabalhadores+por+conta+de+outrem+remunera%C3%A7%C3%A3o+base+e+ganho+por+sexo-894>
- PORDATA. (2021). *Limiar de risco de pobreza*. <https://www.pordata.pt/Portugal/Limiar+de+risco+de+pobreza-2167>
- Prime, H., Wade, M., & Dillon, T. (2020). Risk and Resilience in Family Well-Being During the COVID-19 Pandemic. *American Psychologist*, 75(5), 631-643. <http://dx.doi.org/10.1037/amp0000660>
- República Portuguesa XXII Governo (2020). *Comunicado do Conselho de Ministros de 19 de março de 2020*. <https://www.portugal.gov.pt/pt/gc22/governo/comunicado-de-conselho-de-ministros?i=334>
- Rocchi, S., Ghidelli, C., Burro, R., Vitacca, M., Scalvini, S., Della Vedova, A. M., & Bertolotti G. (2017). The Walsh Family Resilience Questionnaire: the Italian version. *Neuropsychiatric Disease and Treatment*, 13, 2987-2999. <https://doi.org/10.2147/NDT.S147315>.
- Rudolph, C. W., Zacher, H. (2021). Family Demands and Satisfaction with Family Life During the COVID-19 Pandemic. <https://doi.org/10.17605/OSF.IO/RVTNC>
- Sá, S. D., Werlang, B. S. G., & Paranhos, M. E. (2008). Intervenção em crise. *Revista brasileira de terapias cognitivas*, 4(1).

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S180856872008000100008
Gomez, E., Munoz, M. & Haz, A. (2007). Familias Multiproblemáticas y en Riesgo Social: características e intervención. *Psyche*, 16(2), 43-54. <http://dx.doi.org/10.4067/S0718-22282007000200004>

Sagita, D., Amsal, M., & Fairuz, S. (2020). Analysis of Family Resilience: The Effects of the COVID-19. *Sawwa: Jurnal Studi Gender*, 15(2), 275-294. <http://dx.doi.org/10.21580/sa.v15i2.6542>

Santiago, C. D., Wadsworth, M. E., & Stump, J. (2011). Socioeconomic status, neighborhood disadvantage, and poverty-related stress: Prospective effects on psychological syndromes among diverse low-income families. *Journal of Economic Psychology*, 32(2), 218–230. <https://doi.org/10.1016/j.joep.2009.10.008>

Sequeira, J., Vicente, H. T., Daniel, F., Cerveira, C., Silva, M. I., Neves, S., Santo, H. E., & Guadalupe, S. (2021). Family Adaptability and Cohesion Evaluation Scale – Version IV (FACES IV): Validation Study in the Portuguese Population. *Journal of Child and Family Studies*. *Journal of Child and Family Studies*, 30, 1650-1663. <https://doi.org/10.1007/s10826-021-01941-3>

Shereen, M. A., Khan, S., Kazmi, A., Bashir, N., & Siddique, R. (2020). COVID-19 infection: Origin, transmission, and characteristics of human coronaviruses. *Journal of Advanced Research*, 24, 91-98. <https://doi.org/10.1016/j.jare.2020.03.005>.

Silva, M. I. M. C. (2015). Validação da FACES IV: O Funcionamento da Família em Diferentes Etapas do Ciclo Vital. [Dissertação de Mestrado, Instituto Superior Miguel Torga], Instituto Superior Miguel Torga]. Repositório ISMT. <http://repositorio.ismt.pt/handle/123456789/593>

Sweet, E., Nandi, A., Adam, E. K., & McDade, T. W. (2013). The high price of debt. Household financial debt and its impact on mental and physical health. *Social Science & Medicine*, 91, 94–100. <https://doi.org/10.1016/j.socscimed.2013.05.009>

Theiss, J. A. (2018). Family communication and resilience. *Journal of Applied Communication Research*, 46(1), 10-13. <https://doi.org/10.1080/00909882.2018.1426706>

Tiffin, P. A., Pearce, M., Kaplan, C, Fundudis, T., & Parker, L. (2007). The Impact of Socio-economic Status and Mobility on Perceived Family Functioning. *J Fam Econ Iss*, 28, 653-667. <https://doi.org/10.1007/s10834-007-9077-4>

- Walsh, F. (1996). The Concept of Family Resilience: Crisis and Challenge. *Family Process*, 35(3), 261-281. <https://doi.org/10.1111/j.1545-5300.1996.00261.x>
- Walsh, F. (2003). Family Resilience: A Framework for Clinical Practice. *Family Process*, 42(1). <https://doi.org/10.1111/j.1545-5300.2003.00001.x>
- Walsh, F. (2020). Loss and Resilience in the Time of COVID-19: Meaning Making, Hope, and Transcendence. *Family Process*, 59(3), 898-911. <https://doi.org/10.1111/famp.12588>
- Ward, K., & Lee, S. J. (2020). Mothers' and fathers' parenting stress, responsiveness, and child wellbeing among low-income families. *Children and Youth Services Review*, 116. <https://doi.org/10.1016/j.chidyouth.2020.105218>.
- World Health Organization. (2020). Coronavirus disease (COVID-19). https://www.who.int/health-topics/coronavirus#tab=tab_1
- Zhuang, X., Lau, Y. Y., Chan, W. M. H., Lee, B. S. C., & Wong, D. F. K. (2021). Risk and resilience of vulnerable families in Hong Kong under the impact of COVID-19: an ecological resilience perspective. *Social Psychiatry and Psychiatric Epidemiology*. <https://doi.org/10.1007/s00127-021-02117-6>